

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
30 de agosto de 2025

LA VIE D'ADÈLE – CHAPITRES 1 et 2 / 2013

(A Vida de Adèle: Capítulos 1 e 2)

Um filme de ABDELLATIF KECHICHE

Realização: Abdellatif Kechiche / *Argumento:* Abdellatif Kechiche, Ghalya Lacroix, adaptando livremente a novela gráfica "Le Bleu est une couleur chaude" de Jul Maroh / *Direção de fotografia:* Sofian El Fani / *Cenários:* Julia Lemaire / *Guarda-roupa:* Paloma Garcia Martens / *Montagem:* Sophie Brunet, Ghalia Lacroix, Albertine Lastera, Jean-Marie Lengelle, Camille Toubkis / *Interpretação:* Léa Seydoux (Emma), Adèle Exarchopoulos (Adèle), Salim Kechiouche (Samir), Aurélien Recoing (pai de Adèle), Catherine Salée (mãe de Adèle), Benjamin Siksou (Antoine), Mona Walravens (Lise), Alma Jodorowsky (Béatrice), Jérémie Laheurte (Thomas), Anne Loiret Rennie (mãe de Emma), Benoît Pilot (padrasto de Emma).

Produção: Abdellatif Kechiche, Brahim Chioua, Vincent Maraval / *Produtoras:* Quat'sous Films, Wild Bunch, France 2 Cinéma, Scope Pictures, Vértigo Films, Radio Télévision Belge Francophone / *Cópia:* DCP, colorida, falada em francês, legendada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 180 minutos / *Estreia em Portugal:* 16 de novembro de 2013 no Lisbon & Estoril Film Festival; estreia comercial a 28 de novembro de 2013 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Abdellatif Kechiche constrói este filme sobre os ombros das duas protagonistas, as atrizes Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux, neste *coming-of-age* intimista e incandescente. Exarchopoulos, com 19 anos na altura, impressiona particularmente pela maneira como, já na sua juventude, nos dá um retrato tão profundo e arrebatador. Quando Adèle-a-personagem (a sobreposição de atriz e personagem deve-se à intimidade do retrato e ao apreço do realizador pelo significado do nome em árabe) diz algo como “vou dar tudo de mim”, sabemos que é também sobre a entrega total ao papel. O júri do festival de Cannes, presidido por Steven Spielberg, ofereceu a Palm d'Or a Kechiche *ex aequo* com Exarchopoulos e Seydoux, num gesto essencial de reconhecimento das contribuições *above and beyond* das estrelas do filme.

Filme infame pela forma como Exarchopoulos e Seydoux se pronunciaram, no rescaldo, sobre como a rodagem fora difícil e invasiva; pelas prolongadas cenas de grande intensidade sexual a roçar limites e a levantar questões; e pelas acusações de mau tratamento do realizador por parte da equipa que fez o filme. Ao mesmo tempo, filme admirado pela forma franca, honesta e crua como o realizador pega numa época da vida de uma jovem rapariga e conta a sua história ao longo dos anos, com a câmara como testemunho íntimo das suas descobertas.

Essa jovem rapariga é Adèle e Exarchopoulos protagoniza-a da mesma maneira voraz com que a personagem encara a vida. A câmara de Kechiche está focada na sua cara, na sua fisicalidade, no jeito adorável como o cabelo está sempre desganhado e a boca aberta (pronta a receber tudo o há para saborear). Adèle é essa sofreguidão pela vida, uma criatura para a qual vale tudo ou nada, mas que também não é

capaz de se libertar totalmente, vivendo a vida um pouco na sombra – seja da namorada, seja numa penumbra que ela própria cria, para não deixar que perfurem a sua bolha, ficando vulnerável a ser julgada.

Kechiche é exímio na maneira como nos mostra, com detalhe, tempo e uma câmara sempre próxima, todo o processo de amadurecimento de Adèle, desde o seu quotidiano em casa e na escola, às pistas para a sua vida interior, ao primeiro rasgo de intensidade de atração e amor, e à consolidação de uma relação nova, que lhe mostra o que o amor pode ser. Sobretudo, o realizador está interessado, conduzindo-nos plano a plano, movimento em movimento, no processo de descobrir e saborear emoções carnis, de atração, de desejo, de amor que se revelam algo primordial e feroz. Adèle e Emma são duas pessoas que se envolvem totalmente uma na outra, numa ligação que se revela ir além de interesses que possam ter em comum, do contexto em que cresceram, ou de qualquer outra coisa. Este *coup de foudre* é algo que transforma a vida de Adèle profundamente. A partir do momento em que se cruzou com Emma, o destino selou-se.

Depois de uma construção cuidada de personagens, circunstâncias e ambientes – particularmente a exploração ávida do amor e do desejo e de todas as coisas simples e fortes que são importantes nessa altura – o segundo capítulo não faz total justiça às suas protagonistas, até ao seu reencontro. Este ocorre anos depois de se terem separado e Kechiche captura a variedade de emoções, do abraço do reencontro à *agudez* da necessidade de se tocarem, com uma simplicidade que deixa a ferocidade e desgosto de Exarchopoulos e a resolução de Seydoux refulgirem. A separação propriamente dita das duas, é esboçada a traços largos. Os vislumbres que o filme dá da vida que construíram leva a que Emma se mantenha um enigma. À mulher-mistério por quem Adèle se apaixona não é conferida complexidade suficiente e até o momento de rutura é parco no seu potencial. Este seria o culminar de todas as frustrações mútuas, da solidão de Adèle à insatisfação intelectual de Emma, e é reduzido a violência ríspida que insatisfaz. Adèle-a-personagem é também circunscrita ao seu coração partido, com a câmara a alongar-se na sua maquilhagem mal feita ou despedaçada pelas lágrimas e no muco esquecido, tentando recuperar o fôlego que lhe escapa pelos dedos. Adèle-a-atriz, contudo, retrata este desgosto com tal verdade que o sentimos como nosso. É nessa mágoa que Kechiche encontra a fisicalidade que tanto o atrai e explora-a com uma mestria evidente, tornando-a palpável.

O trabalho de Kechiche é frustrante, em parte, porque consegue filmar com delicadeza, a sua câmara é ternurenta com Exarchopoulos, como se estivesse sempre à distância mínima de um toque – para logo a seguir pintar com mão pesada. As subtilezas possíveis são marteladas para evitar qualquer dificuldade de interpretação. Vemos isso em aspetos como a exploração das diferenças de classe: Emma deseja que Adèle se eleve aos seus olhos através da demonstração pública de proeza intelectual e esta deseja apenas afundar-se em Emma. *Bourgeoisie et proletariat*, sem ponto de contacto que não seja a intensidade da atração que sentem.

A cor azul que permeia o filme, regressa na sequência final na galeria, que Kechiche filma sem romantizar, mostrando a impossibilidade do reatar de um amor, o consolo de ter sido algo marcante e a ausência de um apressado final feliz que arrume estes capítulos. Ao ver Adèle a afastar-se a melancolia é inevitável. Mas se é o fim de um capítulo, então é também o início de um novo.

Ana Cabral Martins